

Exposições

# Terceiro Espaço



JOSÉ MARIA DIAS DA CRUZ

# À Flor da Pele



FERNANDA MAFRA

Espaço Multiuso Univali

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ  
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ**

**Valdir Cechinel Filho  
Presidente da Fundação UNIVALI / Reitor da UNIVALI**

**José Roberto Provesi  
Vice-Presidente da Fundação UNIVALI / Chefe de Gabinete de  
Gestão Integrada**

**Cleunice Aparecida Trai  
Tesoureira / Diretora Administrativa da Fundação UNIVALI**

**Rodrigo de Carvalho  
Procurador Geral da Fundação UNIVALI**

**Luciana Merlin Bervian  
Secretária Executiva da Fundação UNIVALI**

**Carlos Alberto Tomelin  
Vice-Reitor de Graduação e Desenvolvimento Institucional da  
UNIVALI**

**Rogério Corrêa  
Vice-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação da UNIVALI**

**José Carlos Machado  
Vice-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da UNIVALI**

**Telmo José Mezdri  
Diretor de Assuntos Institucionais da UNIVALI**

**Paulo Márcio da Cruz  
Diretor de Internacionalização da UNIVALI**

## José Maria Dias da Cruz



José Maria Dias da Cruz iniciou suas atividades artísticas em Santa Catarina com apenas 12 anos de idade, quando participou de sua primeira exposição, na coletiva que deu origem ao primeiro Museu de Arte Moderna do Brasil no ano 1948, fundado por seu pai, Marques Rebelo, que foi sem dúvida um dos maiores incentivadores das artes plásticas no país nas décadas de 1940 e 1950. Considerado um dos maiores estudiosos de cor, José Maria criou teorias nunca antes apontadas na História da Arte. A imensa carga teórica e intelectual com a qual manuseia tintas e pincéis, deu origem a três publicações em mais de três décadas lecionando nas mais respeitadas escolas de artes do Brasil. Entre seus interlocutores cita-se principalmente Luiz Camillo Osório, Milton Machado, Guilherme Bueno e Ricardo Simões. Recentemente, a artista Beatriz Milhazes declarou em entrevista à Revista Vogue que José Maria Dias da Cruz é o artista que mais investiga a percepção das cores no Brasil. Em 1998 foi realizada uma retrospectiva de sua obra no Paço Imperial, considerada pelo jornal O Globo umas das 10 exposições mais importantes realizadas naquele ano no Rio de Janeiro. Em enquete feita pelo Jornal do Brasil, José Maria Dias da Cruz foi citado entre os 70 artistas brasileiros mais importantes do século XX.

# Apresentação

A exposição Terceiro Espaço é um recorte na obra de José Maria Dias da Cruz (1935), artista com uma trajetória de 60 anos de discussão de pintura. Filho de Marques Rebelo, José Maria morou no Rio de Janeiro, foi professor do Parque Lage, teve a oportunidade de conviver com artistas como Pancetti, Tarsila do Amaral e Milton da Costa. Com obras nos principais acervos do país, José Maria Dias da Cruz participou de um circuito entre artistas onde a pintura partia para ampliar seu suporte, mas se manteve fiel ao seu trabalho e seu pensamento sobre a cor.

Nessa exposição apresentamos 20 pinturas e alguns de seus assemblages. Hoje, José Maria vive e trabalha em Florianópolis e está escrevendo seu quarto livro sobre a cor.

A cor é tema raramente discutido nos tempos atuais; a importância da sua obra está na consistência de seu trajeto e na sua reflexão sobre o movimento da cor através da obra de artistas como Paul Cézanne, Georges Braque e outros. José Maria Dias da Cruz propõe um embate entre a teorização da cor, o gesto da pincelada, e tudo que permeia esses dois espaços.

Estar diante dos quadros de José Maria Dias da Cruz nos tempos atuais não é discutir apenas sobre pintura abstrata/figurativa, figura/fundo e demais procedimentos dicotômicos que podemos contar. Estar diante das pinturas de José Maria Dias da Cruz é perceber uma trajetória onde a cor é o assunto principal: ela é estudada, é teorizada, enfim, em seus assemblages ela existe. Mas para podermos entrar neste embate com as obras, não apenas físico, precisamos liberar todo assunto “contemporâneo” daquilo que está sendo falado de arte hoje no circuito.

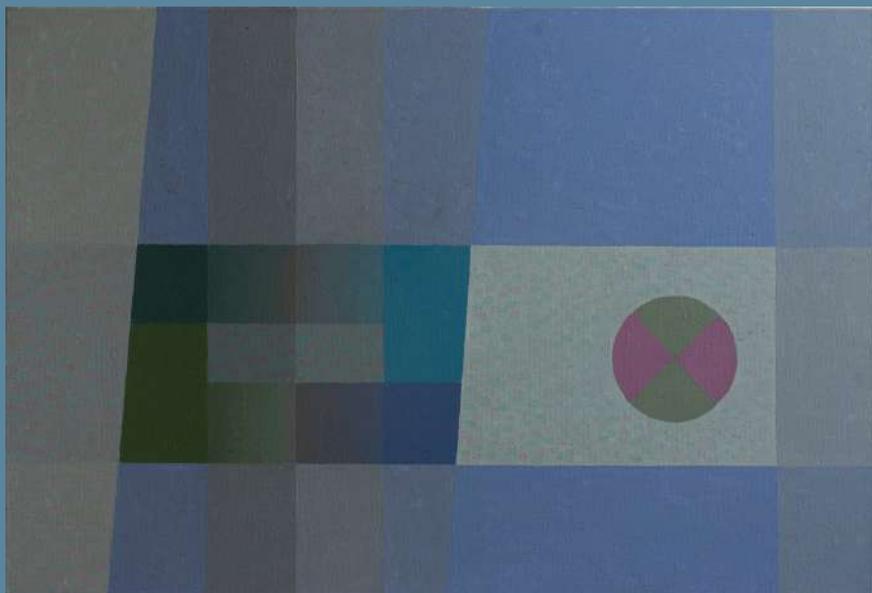
A sutileza de sua poesia está presente na tela através do gesto da pincelada, na sobreposição de camadas, nas veladuras e na reflexão sobre rompimento de tom que José Maria nos propõe. Eles estão nas telas, nas cores concretas adjetivas, e estão também nas assemblages.

Em seu terceiro livro, "O cromatismo cezanneano", José Maria Dias da Cruz nos permite entender o que os pintores sabem procurar e o que os olhos desses pintores enxergam mais e além do que não vemos. Para isso, José Maria Dias da Cruz faz uma pesquisa e nos traz sua experiência de pintor. Cézanne fala do cinza que reina na natureza, enquanto José Maria Dias da Cruz reflete sobre este cinza de Cézanne, como causa e efeito dos coloridos. Para isso, permite-nos entender que através de uma escala de cor - entre um vermelho e o verde, sua oposta - um trajeto que vai gradativamente esverdeando, e esse exato ponto é o cinza sempiterno, e jamais podemos dizer quando é ele mesmo porque vai se rompendo a cada fracionamento. Nas palavras do artista, os cinzas sempiternos são causa e efeito dos coloridos que nos são possíveis. Cita em seu livro *A cor e o cinza*: "deste ponto nenhuma notícia teremos, salvo a intuição de que ele é o local de eliminação de tensões e de passagem entre cores opostas, considerando estas concretas adjetivas, cuja condição é ser um colorido". José Maria Dias da Cruz nos propõe, então, que dentro desse rompimento do tom, exatamente no meio da escala cromática encontra-se o cinza sempiterno e, a partir dele, toda sua escala cromática irá desenvolver-se. Por não ser um ponto exato, fixo, mas aquilo que está móvel na projeção do nosso olhar, ocupa um espaço cromático que vai além do plano físico das cores – que é o terceiro espaço. José Maria Dias da Cruz estuda os contrastes e rompimentos nas obras de Cézanne, percebendo através de suas pinturas a fração daquilo que está dentro de uma dinâmica do trajeto da cor, que ao mesmo tempo está numa direção e no seu oposto.

Luciana Knabben  
Artista Visual  
Curadora da Exposição Terceiro Espaço



Ano: 2015  
Técnica: Óleo s/ tela  
Dimensão: 0,40 x 0,60 m



**Ano: 2015**  
**Técnica: Óleo s/ tela**  
**Dimensão: 0,40 x 0,60 m**



Ano: 2016  
Técnica: Óleo s/ tela  
Dimensão: 0,40 x 0,50 m



Ano: 2017  
Técnica: Óleo s/ tela  
Dimensão: 0,40 x 0,60 m



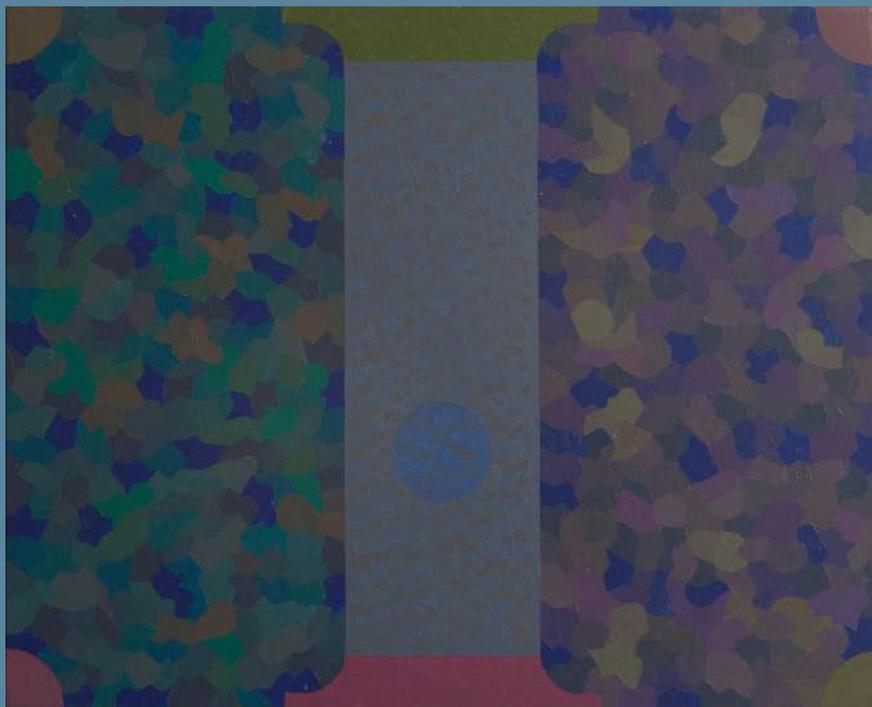
Ano: 2012  
Técnica: Óleo s/ tela  
Dimensão: 0,20 x 0,40 m



Ano: 2019  
Técnica: Acrílica s/ tela  
Dimensão: 0,40 x 0,50 m



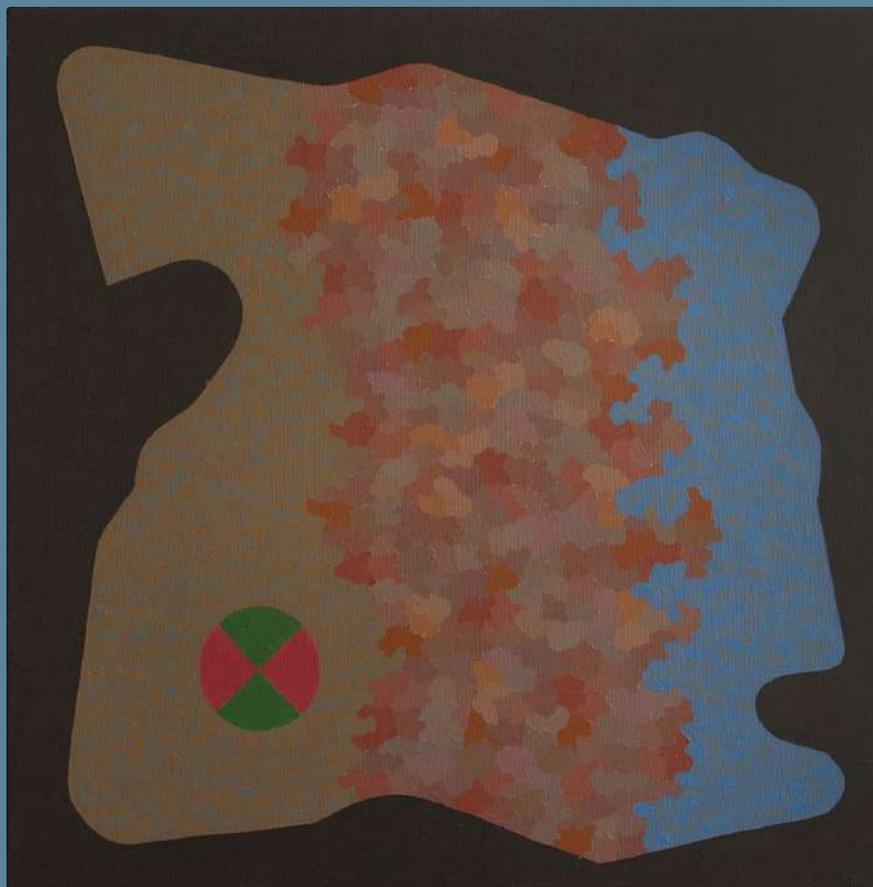
**Ano: 2017**  
**Técnica: Óleo s/ tela**  
**Dimensão: 0,30 x 0,40 m**



**Ano: 2018**  
**Técnica: Óleo s/ tela**  
**Dimensão: 0,40 x 0,50 m**



**Ano: 2016**  
**Técnica: Óleo s/ tela**  
**Dimensão: 0,50 x 0,60 m**



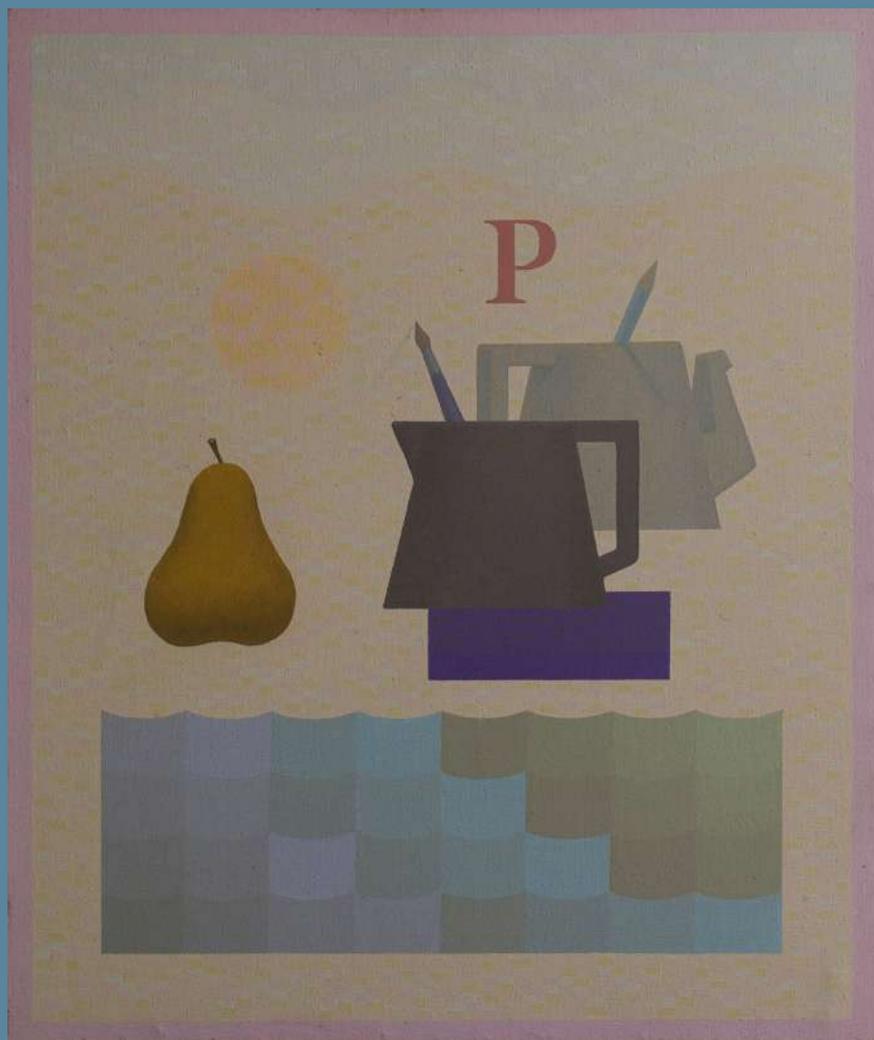
Ano: 2018  
Técnica: Óleo s/ tela  
Dimensão: 0,50 x 0,50 m



**Ano: 2018**  
**Técnica: Óleo s/ tela**  
**Dimensão: 0,40 x 0,50 m**



Ano: 2017  
Técnica: Óleo s/ tela  
Dimensão: 0,30 x 0,40 m



Ano: 2015  
Título: Natureza Morta  
Técnica: Óleo s/ tela  
Dimensão: 0,40 x 0,60 m

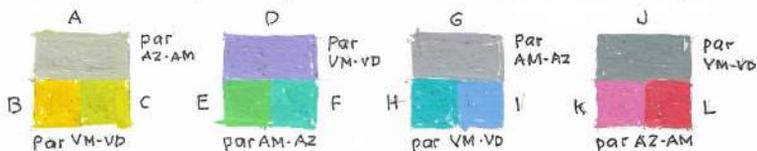


Ano: 2015  
Técnica: Acrílica s/ tela  
Dimensão: 0,60 x 0,80 m

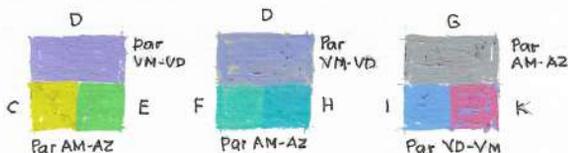
Assemblage  
UNIDADES  
CROMÁTICAS

Temos uma unidade cromática quando com três cores os pares amarelados-azulados e avermelhados-esverdeados são percebidos.

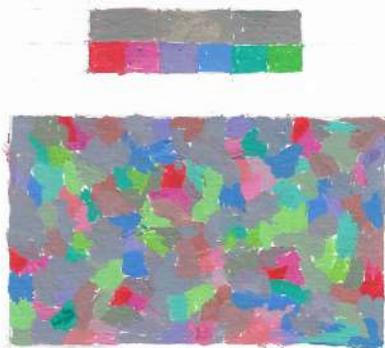
Exemplos: pode-se ou não considerar o rompimento do tom. Este pode ocorrer pela aproximação de cores semelhantes, como pela sobreposição na cor de sua pós-imagem.



Desdobramentos da escala acima.



Escala de unidades cromáticas e o colorido resultante.



"O pintor não tenta reconstruir uma história, mas constituir um fato pictórico." "A limitação dos meios engendra formas novas, faz o estilo"

George Braque

Assemblages

**DIAGRAMAS CROMÁTICOS**

"Estava tão consciente do aspecto retiniano em pintura que quis pessoalmente encontrar outra via de exploração."

Marcel Duchamp

**Observações**

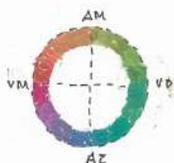
Devemos descartar o círculo cromático iluminista. Observar dois amarelos, dois azuis, dois vermelhos e dois verdes.



Os amarelos são avermelhados ou esverdeados. O mesmo para os azuis.



Os vermelhos são amarelados ou azulados. O mesmo para os verdes.

**Diagramas****Exemplo**

Sobreposição dos dois gráficos acima. Descarta-se o círculo iluminista. Tem-se inúmeros diagramas, pois são inúmeros os coloridos.

**As cores simples de Leonardo da Vinci****O rompimento do tom**

Olhar a cor ao lado durante 15". Deslocar o olhar para o ponto x. Olhar novamente a cor reduzindo à metade a distância de observação. A pós imagem rompe o tom da cor.

5"

10"

15"



"As cores na pintura são como chamarizes que seduzem os olhos, como a beleza dos versos na poesia."

N. Poussin

Quanto maior o tempo de observação, mais o tom se rompe. A cor tem uma dimensão temporal. Há, entretanto um limite.

Assemblage

## ALBERS - TEORIA DA PINTURA

Uma teoria da pintura tem que considerar a invenção plástica, o novo.

### Um quadro de Albers

d'après Albers



Diz um teórico que os quadros realizados por Albers vão muito além de seus textos teóricos. No quadro ao lado podemos perguntar: é um desenho à cor? Digo que é ambíguo. Tanto as formas ficam subordinadas às cores como estas subordinadas às formas. Instigante é o título do quadro: Homenagem ao quadrado. Por que a uma forma?

Nesse quadro tanto percebemos as cores abstratas substantivas como as cores concretas adjetivas e a manifestação do cinza sempiterno.



O quadrado interno pode ser percebido como abstrato substantivo. No quadro a cor amarela predomina. É uma cor de lembrança e logo a nomeamos. Mas torna-se ambíguo quando interage com outras cores.



A cor concreta é adjetiva, é um par, contém em si sua oposta, sua pós-imagem. O amarelo contornado por outro amarelo se rompe por ação das opostas e o cinza sempiterno se manifesta. Podemos notar a diferença do amarelo à esquerda do mesmo amarelo à direita.



Definimos unidade cromática quando com um número mínimo de cores temos os pares amarelados-azulados (AM-AZ), avermelhados-esverdeados (VM-VO) e claros-escuros. Um colorido têm várias unidades cromáticas com a manifestação do cinza sempiterno. Diremos, agora, que esse quadro de Albers é uma possibilidade de um colorido. Vai além de uma análise. Torna-se uma obra de arte quando não podemos mais explicá-la.



## Assemblage

## DO DESENHO - 2

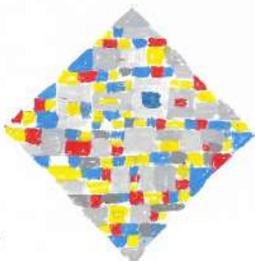
"Arte dizo indizível, exprime o inexprimível, traduz o intraduzível." Leonardo da Vinci

## O desenho, o espaço plástico e o suporte

Na década de 40 Mondrian declara que seus quadros com traços pretos horizontais e verticais, esbranquiçados, amarelos, azuis e vermelhos são desenhos a óleo. Pinta seus três últimos quadros.

Na década de 60 De Kooning apaga um desenho de Rauschenberg. Sol Lewitt substitui o papel pela parede como suporte e neste desenha com grafite. Nesses artistas o espaço plástico fica subordinado às formas.

## Mondrian



d'après  
Mondrian

Em Mondrian o espaço plástico fica colado na superfície do suporte, assim como nos outros artistas citados nesta assemblage.

## Geraldo de Barros

Em Geraldo de Barros mais evidente fica um ritmo enquanto recorrência presente e, como nos artistas citados, prevalece a estrutura subjacente do suporte.



d'après  
Geraldo  
de  
Barros

## O gráfico e o pictórico

Não há o gráfico e o pictórico em termos absolutos. Um desenho colorido pode ser mais ou menos gráfico.

## A linha vinciana

Em Braque as linhas vincianas constroem um espaço plástico.



d'après Braque

linhas vincianas, euclidianas e o cinza sempiterno.



Luí Maria Corrêa e. 2018

"Não devemos de explorar e, ao término da nossa exploração deveremos chegar ao ponto de partida e, conhecer esse lugar pela primeira vez."

T.S. Eliot

Luí Maria Corrêa e. 2018

Desenho - 1-

## TOPOLOGIA

"O artista não é incompreendido, ele é menosprezado, nós o exploramos sem saber quem ele é." G. Braque

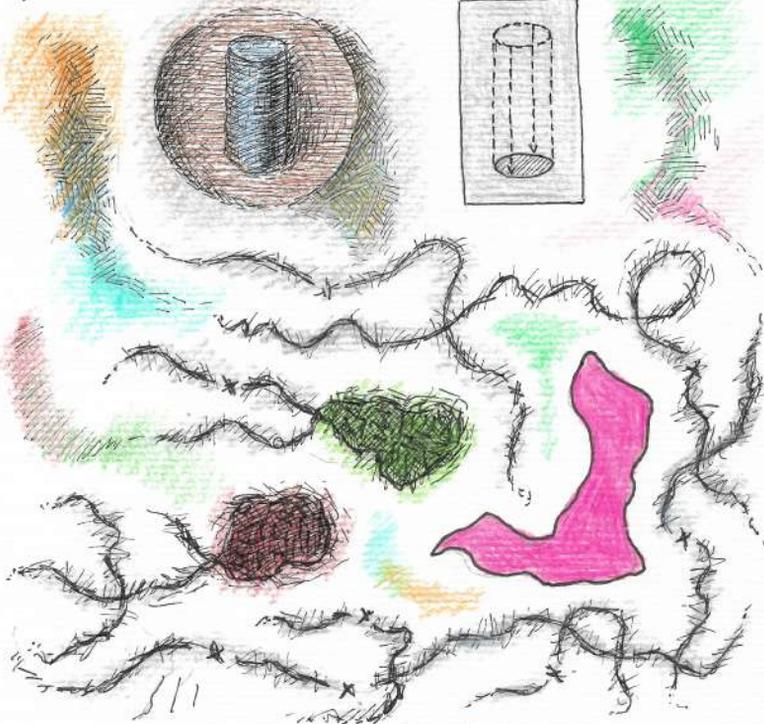
### Texto do conto "A Janela"

"Temei numa dessas conversas de mesa de café, que poderia tirar a cueca sem tirar a calça: levantei-me da cadeira, enfié as mãos nos bolsos, agarrei aquela indumentária através do

forro e puxei para baixo. Durou pouco a tentativa. Quando verifiquei a impossibilidade e tive a consciência do ridículo, já era admitido entre risadas ruidosas, como o professor Bassu."

Francisco Inácio Peixoto

Linhas vincifanas e euclidianas, o cinza sempiterno como fronteira



Inácio Peixoto 2019

# Fernanda Mafra



---

**Fernanda Mafra é Catarinense, nascida na cidade de Itajaí. No ano de 2010 passa a dividir seu espaço de trabalho entre Rio de Janeiro e Santa Catarina. Neste mesmo ano inicia seus estudos em arte, com um propósito teórico, passando a frequentar a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, a Escola Sem Sítio, o projeto Dynamic Encontros no Brasil e na Europa, e grupos de estudos independentes. Em 2017 dá início à sua produção artística, dedicando-se à construção de um universo simbólico e poética.**

## De Mãos Dadas com a Luz

Pode parecer tarefa fácil escrever sobre alguém com quem se convive diariamente há quase 3 décadas, e que é uma pessoa muito próxima em todas as esferas da sua vida... Mas, como todo ser humano é uma metamorfose constante em vários aspectos, o re-conhecimento, sobre si e sobre o outro, é também um fluxo dinâmico, nunca estável, de eterno aprendizado. Sinto-me honrado por ter este convívio tão íntimo, pelas trocas, filosóficas e de afetos ao longo de anos! Fernanda Mafra tem apresentado uma nova e rica dinâmica de produção criativa neste momento de sua vida. Depois de ter compreendido a possibilidade de expressar seus pensamentos de forma visual, sonora, performática, textual... ela mergulhou profundamente nesta direção e coisas simples de seu cotidiano viraram assuntos potentes, em seus diálogos e nas suas criações poéticas. Sua pele, com marcas reforçadas de singularidade e delicada renda, viraram processos imagéticos de uma vivência. Envolve com sua pele simbólica, coisas e pessoas, despersonificam-se... Com sua capacidade ampla de expandir territórios simbólicos, ela trama entre a sua pele, as suas plantas, suas coletas e catalogações de objetos, formando assim um grande manto simbólico, onde opera sua arte. Estar mentalmente viva e manter-se respirando, podem ser as chaves, suficientes, para buscar plenitude, na mente e no corpo. E podem abrir novos caminhos para construir uma vida repleta, em vivências e expressão de assuntos, como mais um ser vivo, nesta fração de tempo, na superfície deste planeta, porém focada em negociar suas singularidades e percepções. A natureza feminina está bem representada em sua força e beleza, nos desenhos, nas suas ações performáticas... O poder, seu e de seus trabalhos está em re-conhecer e gerar o re-conhecimento no outro, como num espelho, involuntário ao ato de refletir.

Evandro Machado  
Artista Visual – Rio de Janeiro  
Curador de À Flor da Pele

## Tudo à Flor da Pele

"A essência espirituosa do sol — que penetrou até o centro da terra pela atração de cada misto e por coagulação — gerou um fogo aquoso e, em seu desejo ardente de retornar à sua origem, ficou retida ao elevar-se entre as matrizes das espécies mais diversas. E, possuindo cada uma destas matrizes uma virtude particular para a sua espécie, numa se determina por uma criação e em outra, por outra, gerando sempre novas criações à sua semelhança".  
(Lumière d'Egypte. Autor desconhecido)

"Haja luz", e houve luz. Neste início de texto marcado cabalisticamente pelo início da vida no mundo, anuncio a primeira estrofe da escrita de Deus na Terra. No primeiro dia foi criada a luz; no segundo as porções de água; no terceiro dia fez-se a divisão entre as porções de água e os montes secos, a que devidamente Deus ordenou-nos a chamar de Terra. Mas não me estenderei aos dias iniciais da criação. Aqui, a intenção é outra. Em seu livro "As plantas mágicas: botânica oculta" (1976), o alquimista Paracelso recorre ao Gênesis como teoria tradicional correspondente à botânica oculta, deixando de lado os exórdios da ideia de "botânica oficial", para ensaiar o advento do Reino Vegetal na Terra. Compreende, inicialmente, que essa vida vegetal se ergue a partir da ação mútua do sol com os minerais; esta sustentação da santidade, do que se ergue para o céu – ora em busca da luz, ora em busca de Deus – será o fio condutor para compreender a essência da vida no plano terrestre.

O ensaio de Paracelso nos permite imaginar a criação de outros mundos possíveis. Busca na ciência, uma brecha, destinada a abrir sendas terrosas para que essa imaginação possa respirar, florescer. Próximo a isto, o campo da arte nos possibilita que este ato de florescer se dê em larga escala. Trata-se de um gesto de pulsão, em mesma medida que sutil, subversivo, naquele que com olhar atento, se aproxima de inúmeras possibilidades de mundos, através dessa imaginação germinativa.

Faço breve preâmbulo para apresentar a obra de Fernanda Mafra, onde o ato de criação de outros mundos possíveis, através de sua apropriação de saberes da terra, da fitoterapia, ou da especificidade de sua própria pele em relação com os seres e as plantas, nos possibilita observar de outro modo, a manifestação da vida no mundo, produzindo um vínculo entre arte, política e temas de cunho socioambiental, iluminando novos caminhos em tempos de urgência.

A exposição "À Flor da Pele", no Espaço Cultural Univali, com curadoria de Ane Fernandes, reúne trabalhos realizados no período de 2018 e trabalhos inéditos, que formam uma única cosmogonia; uma pele na qual uma obra doa espaço e significado para outra. Epitélio (2018), Itajahy (2018), Nem Tudo São Flores (2018), Érvore (2019) e Érvores (2019) surgem dispostos pelo espaço, silenciosamente, nos convocando, cuidadosamente, a nos aproximar de sua magnitude, na contramão de um mundo ruidoso e caótico da atualidade. Aqui podemos observar um lugar por excelência, movido pela sutileza das questões refletidas por Fernanda, que cultiva um território imaginário com sofisticação, coerência e refinamento estético.

Em Epitélio (2018), somos chamados a imergir em uma série fotográfica que apreende do contexto instalativo e performático, sua potência enquanto imagem. Nas fotografias, existe a necessidade de uma aproximação cuidadosa, para que possamos capturar o gesto de inscrição da artista no mundo. A escrita de Fernanda não poderia ser mais performática, dada a potência de sua extensão; o tecido que cobre um caminho, uma pedra, uma casa, um píer, um barco e seu remo, assemelha-se à sua própria pele. É a partir de sua habitação neste tecido em que a artista faz possível integrar ao mundo, a sua própria escrita. Mas por que e para quem? Se pudermos recorrer à pele dos bichos, como o Tigre e a Zebra, na qual as pelugens são únicas e os diferenciam de cada ser dentro de sua própria espécie, poderemos compreender que a ação da escrita, relativa à pele, trata-se de uma renovação constante da natureza. Pois, mesmo na fase adulta, a pele dos Tigres e das Zebras continua a se transformar, fazendo de sua inscrição não apenas única, mas de leitura impossível, utópica.

É utilizando essa incapacidade de leitura que a artista nos faz questionar e refletir em que pele vivemos no mundo e, para além disso, que não há uma única pele para tudo, já que o todo se encontra em constante transformação, não apenas por força da natureza, mas pela ação destrutiva do homem e suas manifestações de poder sobre a mesma. Interessa à artista um lugar de reflexão política e seus desdobramentos no meio ambiente; o tecido que sutilmente se apropria da norma e padronagem militar, ironiza o descontrole do homem sobre a potência da natureza, que em constante renovação de si engole tudo à sua volta. Se questionar a superfície das coisas, é recorrente, entre as estratégias da artista, convidar o outro para construir parte dessa escrita (ou leitura), cria um vínculo que sempre ultrapassa o caráter passivo que caracteriza grande parte das propostas em termos de arte contemporânea. Aqui, fala-se de uma escrita simultânea, onde público e artista estabelecem uma espécie de narrativa na qual tudo é diferente e nada é igual. Isso se dá em *Itajahy* (2018), vídeo no qual Fernanda repousa sua mão abaixo das águas que seguem o fluxo do rio. A palavra *Itajahy* vem do vocabulário indígena Tupi-Guarani e quer dizer “rio que corre sobre as pedras”. A imagem da mão da artista marcada pelo vitiligo se assemelha aos líquens e musgos que cobrem as pedras dos rios. Olhamos para as pedras com desatenção, pensamos: “não há nada para ver”. Mas há algo que escapa ao nosso olhar e pouco a pouco, diante da imagem, descobrimos que há superfícies que alteram o fundo das coisas ao redor. No início do século passado, o processo brutal de colonização no Sul do Brasil, exterminou quase em sua totalidade o povo indígena Xokleng que residia no Vale do Rio Itajaí, e continuou lutando para sobreviver à invasão, mesmo após a extinção quase total dos recursos naturais de sua terra, agravada pela construção da Barragem Norte, no ano de 1914. Olhar para os fluxos que correm as superfícies dessas águas exige de nosso olhar um sobressalto perpétuo, pois a destruição de um povo não significa que sua dor foi embora ou que não estão mais aqui, eles estão aqui: deitados sobre o fundo dessas águas, sobre as pedras, sobre a história local, como monumentos. O trabalho de Fernanda nos incita a pensar, delicadamente, que essa superfície ainda recebe solicitações do fundo.

Há um valor tranquilizador e belo atribuído às flores. Mas toda flor é traída pela fragilidade de sua beleza. Daí o seu fracasso. Flores como a orquídea possuem uma elegância arquitetônica, dada sua sustentação e elevação em direção ao sol, bem como os girassóis, sucumbem ao desejo de retornar à origem, ao calor, à criação, e apodrecem, imprudentemente, diante de seu fim primitivo. Embora pareçam ter escapado com beleza lírica, toda flor está destinada a retornar à raiz; as mais bonitas crescem para baixo. É tomando consciência dessa contingência primitiva das flores em que o trabalho *Nem Tudo São Flores* (2018) irá acentuar a decrepitude de sua própria imagem. Doze fotografias se apresentam, onde a artista estabelece uma relação das manchas das orquídeas e sua própria pele, ambas marcadas por uma estranheza de beleza peculiar. As manchas presentes nas orquídeas acentuam seu órgão sexual. Muitas nascem sem as manchas, que surgem durante seu amadurecimento, é quando o processo de polinização inicia. Daí a relação dos sentimentos com a eclosão de uma flor, ambos são fenômenos que precedem a fertilização – sendo este um papel dado ao símbolo nas interpretações psicanalíticas. O termo popular homônimo ao título da obra, nos aproxima de uma sentença existencialista e sentimentalista: estamos fadados a errar, de amor em amor, até o retorno de nossa primitividade, do que nos aproxima mais da raiz: a morte.

Nas séries *Érvore* e *Érvores* (2019), Fernanda produz uma paisagem imaginada a partir de cascas de árvores, raízes e fragmentos de ervas medicinais. As imagens construídas nos surgem como cartas de uma floresta de palavras. Em nossa língua, se escreve da esquerda para a direita, mas é específico da maioria das plantas, “escrever” de baixo para cima; elas escrevem para o sol, ou para Deus. Este ato de escrever unido ao gesto de arrancar a casca de uma árvore, falam de uma tensão entre duas escritas possíveis, que colidem, produzindo um terceiro fazer: a criação de imagens que para algum tronco são carne germinando, lascas de pele. O que é uma casca senão o que advém de toda superfície e de todas as coisas? Fernanda fala aqui de um conhecimento antigo, de um saber da terra; não se pode medir a terra, senão com as próprias mãos e o próprio corpo. Consciente disso, a artista produz paisagens edílicas, que se sustentam em um clarão. Repete-se o ato de criação, fez-se a luz, no meio do nada.

Surge no papel, como uma manifestação divina, o que pode se entender como letras prévias de um alfabeto desconhecido, que sucede infindáveis sumários sobre a cura, sobre um saber interno, feminino e da terra.

A palavra *écorce*, em francês, quer dizer “casca”, mas sua origem vem do latim *scortea*, que quer dizer “pele de vestir”. As imagens produzidas por Fernanda, na exposição *Epitélios*, falam dessa tentativa de tornar evidente a experiência de uma casca, como algo que se veste, como uma pele em que se habita. E se posso me atrever a perguntar novamente: para quem se escreve esta carta? Fernanda escreve para o mundo. É a partir de uma perspectiva da cosmopolítica, em que a artista escreve sobre todas as superfícies a partir da sua própria. Embora cascas sejam tudo o que resta de nossos dilaceramentos, é com uma vontade de se espalhar pelo mundo, de ser superfície de tudo, que Fernanda reage, sutilmente, escrevendo sobre esta terra (e a partir dela), com um rasgo delicado e potente, que manifesta em todas as nossas feridas, a nossa seiva cruel.

Yago Toscano  
Curador



**Ano: 2018**

**Título: Epitélio III**

**Técnica: Fotografia impressão em fine art**

**Dimensão: 1,10 x 0,73 m**



**Ano: 2018**

**Título: Epitélio IV**

**Técnica: Fotografia impressão em fine art**

**Dimensão: 1,10 x 0,73 m**

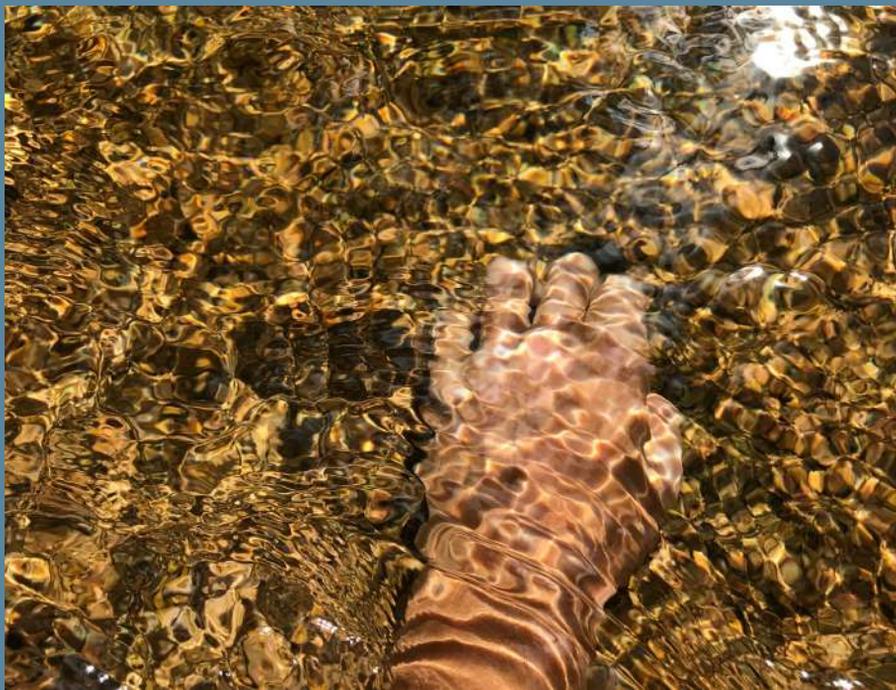


**Ano: 2018**

**Título: Epitélio V**

**Técnica: Fotografia impressão em fine art**

**Dimensão: 1,10 x 0,73 m**



Ano: 2018  
Título: Itajahy  
Técnica: Vídeo



Ano: 2019  
Título: Árvores I  
Técnica: Colagem de matéria orgânica sobre papel  
Dimensão: 0,21 x 0,15 m



Ano: 2019  
Título: Árvores II  
Técnica: Colagem de matéria orgânica sobre papel  
Dimensão: 0,21 x 0,15 m



**Ano: 2019**

**Título: Árvore III**

**Técnica: Colagem de matéria orgânica sobre papel**

**Dimensão: 0,30 x 0,42 m**



**Ano: 2019**

**Título: Árvore IV**

**Técnica: Colagem de matéria orgânica sobre papel**

**Dimensão: 0,30 x 0,42 m**



**Ano: 2019**

**Título: Árvore V**

**Técnica: Colagem de matéria orgânica sobre papel**

**Dimensão: 0,42 x 0,30 m**



Ano: 2019

Título: Árvore VI

Técnica: Colagem de matéria orgânica sobre papel

Dimensão: 0,60 x 0,42 m



**Ano: 2018**

**Título: Nem tudo são flores (série com 12 fotografias)**

**Técnica: Fotografia impressão em fine art**

**Dimensão: 0,25 x 0,20 m**

**Realização**  
**Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI**  
**Vice-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários**

**Curadoria**  
**Ane Fernandes**  
**Evandro Machado**  
**Luciana Knabben**

**Fotografias José Maria Dias da Cruz**  
**Fernanda do Canto**

**Apoio**  
**Equipe do Núcleo de Pesquisa e Extensão - NUPEX**

**Produção Gráfica**  
**Pedro Henrique Tomm**

**Abril de 2019**

## José Maria Dias da Cruz



[obrasdejosemariadiasdacruz](#)



[josemariadiasdacruz.com.br](http://josemariadiasdacruz.com.br)

---

## Fernanda Mafra



[fernanda.mafra2](#)



[fernandamafra2](#)

---

## Espaço Multiuso Univali



[galeriadearte@univali.br](mailto:galeriadearte@univali.br)



[galeriadearteunivali](#)



Vice-Reitoria de Extensão  
e Assuntos Comunitários